

NARRATIVA MÍTICA COMO PROMOÇÃO DE TOLERÂNCIA RELIGIOSA EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

MYTHICAL NARRATIVE AS A RELIGIOUS TOLERANCE PROMOTER IN CLASS: EXPERIENCE REPORT

Jorcemar Bezerra de Albuquerque¹

Resumo

Este trabalho visa mostrar minha experiência como monitor na disciplina de estágio supervisionado I, e a observação da importância das narrativas míticas para a promoção da tolerância em sala de aula. Vendo a realidade que nos cerca hoje, os problemas que permeiam nosso dia a dia, a religião é muitas vezes colocada em xeque, culminando em guerras religiosas, intolerâncias e os diversos tipos de violências. Diante destas situações, proponho que o Ensino Religioso na escola, quando bem estruturado, ajudará os alunos a desenvolver o respeito pela diversidade cultural e religiosa – conforme preconizado pela LDB. Através da ampliação dos conhecimentos e da capacidade de análise crítica das crenças e normas de conduta diferentes das suas, os alunos poderão aceitar melhor a convivência com a multiculturalidade. A utilização das narrativas míticas como meio de veiculação desta multiculturalidade no campo religioso – o mais problemático na escola, atualmente – permite um momento de distensionamento durante a aula que favorece esta ampliação cognitiva. Minha experiência como monitor da disciplina Estágio I trouxe-me subsídios para afirmá-lo.

Palavras-chave: Imaginário. Intolerância. Educação.

Abstract

This work aims to show my advisor's experience on Supervised Stage I discipline, and the observation of the importance of mythical narratives to promote tolerance during classes. Watching our surrounding reality nowadays, the problems which pervades our day by day show religion many times jeopardized, culminating on religious battles, intolerance and various kinds of violence. Considering these facts, I propose that Religious Instruction at school, when well structured, may help students to develop respect for cultural and religious diversity – according to LDB. Through broadening knowledge and critical analysis capacity

¹ Graduando em Ciências das Religiões pela UFPB. Email: Jorcemar@gmail.com

of norms and beliefs of different patterns of behavior, children could better accept multicultural sociability. The use of mythical narratives as a means of transportation for this religious multicultural field – the most problematical at school nowadays – allows a moment of distension during class, favoring that cognitive enlargement. My experience as advisor brought me subsidies to make such an affirmation.

Key-words: Imaginary. Intolerance. Education.

Introdução

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância e pertinência dos contos míticos serem trabalhados em sala de aula, sua importância para o desenvolvimento da imaginação e o incentivo à criatividade e ao desenvolvimento social da pessoa. O estudo destes relatos míticos, bem como dos contos e dos arquétipos, resgata esta capacidade de reflexão da própria vida. Atualmente vivemos um desencantamento acrescido de uma enxurrada de notícias e comunicações repassando com destaque tudo o que permeia a sociedade, sejam crimes, corrupções, crueldades ou categorias opostas de eventos. Os padrões éticos e cívicos recomendados pela LDB para escolas ou historicamente reservados à propagação pelas famílias estão sendo colocados de lado em troca de um novo tipo de comportamento direcionado ao consumo e ao individualismo. Esta pedagogia para a competição promove um ambiente escolar e social diferente daquilo para o que formados os futuros docentes. A tolerância à diversidade cultural (e religiosa) é preconizada pela LDB e valorizada pelas organizações de promoção da cidadania como um dos meios de contornar esta situação típica do momento sócio histórico atual.

As fábulas e histórias destinadas ao público infantil contribuíram para o ajuste psíquico das crianças ao mundo adulto, na verdade um processo angustiante, inquietador e de maravilhamento. Quando bem utilizados em sala de aulas, estes recursos narrativos míticos de outras culturas e religiões, proponho, serão enriquecedores por permitir reflexão, comparação, análise e percepção das diferenças numa situação “neutra” quanto à influência do professor, mas “positiva” na promoção da tolerância em sala de aula. Ao ensinar a refletir, os educadores estarão contribuindo para uma interação entre os seres humanos, derrubando barreiras daqueles que pensam que seu “mundo” é o ideal e o do outro, não.

Método: Definição do conceito de tolerância

O respeito para com o ser humano é dever de todos, garantido pela Declaração Universal dos Direitos do Homem. Segundo a UNESCO (1995) tolerância é mais que um simples ato de respeito: é um meio pelo qual podemos viver a paz. Segundo o dicionário Aurélio, tolerância significa: qualidade de tolerante. Ato ou efeito de tolerar. Pequenas diferenças para mais ou para menos. Respeito ao direito do que os indivíduos têm de agir, pensar e sentir de modo diverso do nosso.

Citando a Declaração de Princípios sobre a Tolerância aprovada pela Conferência Geral da UNESCO em sua 28ª reunião Paris, 16 de novembro de 1995, temos que:

A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentada pelo conhecimento, a abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é a harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e jurídica. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz. (UNESCO, art.1º p.11)

A educação para a tolerância deve ser considerada como imperativo prioritário; por isso é necessário promover métodos sistemáticos e racionais de ensino da tolerância centrados nas fontes culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas da intolerância, que expressam as causas profundas da violência e da exclusão. As políticas e programas de educação devem contribuir para o desenvolvimento da compreensão, da solidariedade e da tolerância entre os povos. (UNESCO, art.4º p.15).

A intolerância e o preconceito com algumas religiões são gritantes, especialmente quanto às de matriz africana, segundo a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil. Quando o professor não toma uma atitude diante do “preconceito sutil”, como é definido em Psicologia (piadas, gestos de menosprezo e congêneres), está sendo cúmplice da fomentação da intolerância religiosa no país.

A falta de conhecimento sobre as religiões muitas vezes promove este estado de coisas, onde os professores em grande parte não tem o conhecimento mínimo sobre as diversidades religiosas, cruzando os braços diante das brincadeiras dos alunos. Um exemplo

disto é o que aconteceu numa escola no Rio de Janeiro, conforme matéria publicada no site do *O Globo*, no dia 25 de janeiro de 2009, onde uma professora, além de expulsar o aluno da sala de aula o chamou de “filho do demônio”:

O incidente teria acontecido depois de ele ter mostrado aos amigos as contas de candomblé que usava por baixo do uniforme escolar. Na nota, a assessoria de imprensa da comissão afirma que a sua coordenadoria jurídica encaminhou petição à 28ª DP, em Campinho, para que o jovem, a mãe dele e a professora sejam ouvidos imediatamente, já que o inquérito aberto há sete meses não teve sequer uma verificação preliminar. Ainda de acordo com a nota divulgada pela comissão, seu departamento jurídico entregará na próxima terça-feira a denúncia ao Conselho Estadual da Criança e do Adolescente e à Seccional dos Direitos Humanos da OAB. (*O Globo*, 25 de janeiro de 2009).

Experiência em Sala de Aula

Aprofundando este tema da educação para a tolerância podemos ver como o imaginário mítico pode auxiliar neste processo educacional de aceitação e construção do respeito para com o outro. O ser humano, ao longo de sua existência, buscou compreendê-la e dar-lhe sentido através do seu contato com o mundo imaginário de onde advinham as narrativas míticas. A sua vida organizava-se a partir destes elementos e o modo de se viver era colocado dentro de uma ética e de regras baseadas no temor, no respeito, na confiança e na admiração. Os diversos tipos de narrações ajudavam nesta vivência cotidiana. Observando alguns relatos míticos contados na sala de aula pela professora que acompanhei no semestre como monitor, observei como os graduandos em Ciências das Religiões da UFPB, disciplina de Estágio I, começaram a modificar sua maneira de pensar e de agir. Ao analisar e refletir sobre as histórias, eles se encantavam (ocorria uma mudança afetiva e cognitiva súbita) com a lição pedagógica de cada conto, e verificavam que a utilização de tais narrativas teria grande valimento no Ensino Religioso, oferecendo ajuda na vida profissional destes futuros professores. Procurei acompanhá-los, contribuindo para que aproveitassem ao máximo todas as orientações da professora e foi muito proveitoso ver o seu interesse pelos temas abordados em sala.

Conclusão

O mundo do encanto, o mitológico, enfim, são veículos que ajudam a superar barreiras, obstáculos na vida, servem para ilustrar o cotidiano. As narrações míticas vão contribuindo para uma visão de mundo onde o importante é estar em perfeito equilíbrio com o

meio em que se vive, seja com as pessoas ou com o ambiente. O educador que utilizar esta ferramenta estará contribuindo para a expansão da capacidade reflexiva de seus alunos.

Os contos e as fábulas oferecem um tipo de contribuição para o aumento do reservatório de experiências vividas pelas diversas culturas humanas, que deságua na percepção do diferente como algo ou alguém assemelhado nas vivências universais da nossa espécie, abrindo campo para o surgimento do respeito e da tolerância – principalmente a religiosa que, por ser explicativa e orientadora dos costumes e comportamentos, apresenta mais variedades e obstáculos para manejo. Os relatos míticos bem como uma formação integrada de conteúdos que mostrem a vida dos diferentes povos, seus costumes, sua geografia, sua história de vida e que todos pertencem ao mesmo mundo ajudará na educação. As fronteiras são criadas pelos homens, mas a grande casa, o planeta terra, não tem fronteiras é um lugar que todos habitam, com suas diferenças. Na condição de humanos somos todos iguais. Este trabalho não termina aqui, pois o campo de estudos sobre intolerância e imaginário é muito vasto e deve ser aprofundado cada vez mais.

Colaboradores:

Ana Paula Rodrigues Cavalcanti, professora Orientadora

Maria Lucia Abaurre Gnerre, coordenadora do projeto

Referências

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos- mitos- arquétipos** 1.ed-são Paulo:paulinas,2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO – UNESCO. **Declaração de princípios sobre a tolerância**. Aprovada pela Conferência Geral em sua 28ª reunião em Paris, em 16/11/1995.